

Separar-se e individuar-se

Processos fundadores da identidade¹

Vanda Maria de Carvalho Pimenta²

Resumo: Este trabalho pretende destacar a relação estreita entre os processos de separação e individuação e sua influência no sentimento de identidade. Serão abordadas, de forma sucinta, as fases que constituem o processo de separação e individuação na visão de Mahler. Por último, será apresentada uma ilustração clínica com o objetivo de mostrar como o analisando combatia a angústia de separação em um determinado período da experiência analítica.

Palavras-chave: separação, individuação, angústia de separação, identidade, fronteiroço

Os seres humanos nascem inacabados tanto no aspecto biológico como no psíquico. O psiquismo se organiza desde o começo da vida e é nesse contexto que o ser humano se humaniza, ou seja, ocorre a passagem da natureza à cultura.

Da mesma forma que o nascimento biológico é determinado por uma separação física, o nascimento psicológico ocorre por meio de uma

1 Trabalho apresentado como tema livre na XXII Jornada de Psicanálise da SPRPE e no XVIII Encontro de Psicanálise da Criança e Adolescente, 21 a 23 de setembro de 2017.

2 Psicóloga, psicanalista, membro titular e analista didata da Sociedade Psicanalítica do Recife. Doutoranda em Psicologia pela Universidad del Salvador.

separação psíquica entre mãe e criança, e acontece no processo de interação social.

Pelo fato de o bebê não nascer pronto como em outras espécies, a humanização torna-se possível, fazendo que o nascimento psicológico seja o produto de uma relação e fruto de uma conquista.

Desde o momento que nasce toda criança tem a difícil e trabalhosa tarefa de lutar para chegar a “ser”. Não há teoria que negue a absoluta dependência do bebê do outro que o assiste em seus múltiplos aspectos: afetivo, biológico, histórico, social. Em outros termos, a história é tecida desde o início, com uma primeira versão que já tem seu peso antes do nascimento dessa criança, implantando-se desde o desejo dos pais.

Em suma, o vínculo amoroso e o prazer que o nascimento do bebê causa àqueles que vão recebê-lo é suporte da identidade e da subjetividade que só pode ser definido por sua relação com os genitores.

Algumas notas sobre separar-se e individuar-se

Segundo Quinodoz (1993), separar-se, em psicanálise, quando se fala em angústia de separação

significa que uma pessoa deixa uma outra com a qual estabeleceu uma relação de confiança. Pode-se dizer que o indivíduo envolvido sabe quem investiu, quem lhe falta, quem ele próprio é e o que a pessoa temporariamente ausente lhe faz sentir: sentimento de solidão, tristeza, ira ou dor, mas, às vezes, também de alívio e de liberdade, um não excluindo o outro. (p. 43)

Em outras palavras:

a ausência da pessoa investida toca o indivíduo em seus afetos sem causar dano à estrutura psíquica de seu ego. Em tais condições, no caso de perda, existe dor psíquica ligada ao trabalho de luto, mas a perda do objeto não provoca a perda do ego. (p. 44)

Todavia, o autor relata que separar-se pode assumir um outro significado completamente diferente “quando um indivíduo percebe que separar-se de uma pessoa significa inconscientemente uma ameaça para a integridade de seu próprio ego” (p. 44), ou seja, nesta situação “persiste uma relação muito particular de apego entre ego e objeto caracterizada pela persistência de partes do ego insuficientemente diferenciadas de partes do objeto” (p. 44). Dessa forma, a angústia surge devido ao fato da separação ser vivida não somente como perda do objeto, mas também como perda de uma parte do próprio ego que vai com o objeto com a finalidade de permanecer fundido a ele.

Quinodoz destaca que deve ser usado o termo “diferenciar-se” ou “diferenciação” para explicar o processo no qual o ego, ao longo do desenvolvimento infantil, se diferencia do objeto.

Vale a pena mencionar os trabalhos de Mahler (Mahler, Pine & Bergman, 1993) acerca do nascimento psicológico do indivíduo por meio dos processos de separação-indivuação, concebidos como dois desenvolvimentos complementares em que a separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe (refere-se à uma aquisição intrapsíquica), e a individuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais. Ela ressalta que são processos de desenvolvimento entrelaçados, não idênticos, podendo se processarem de maneira divergente, com atraso de desenvolvimento ou precocidade em um ou outro.

Mahler desenvolve uma teoria que integra relações objetais intrapsíquicas com relações interpessoais, um tipo de coreografia entre o intrapsíquico e o interpessoal. Ela estabelece três fases do desenvolvimento na infância que começam com o autismo, depois se segue o período simbiótico e termina na etapa de separação e individuação que se subdivide em várias sub etapas. São elas:

1. Fase autista normal: seriam as primeiras semanas de vida e tem como objetivo a aquisição do equilíbrio homeostático pelo organismo no meio extrauterino por meio de mecanismos predominantemente somatopsíquicos e fisiológicos.

2. Fase simbiótica: seria até os 5 meses de vida, aproximadamente. A partir do segundo mês, uma consciência difusa do objeto que satisfaz a necessidade marca o início da fase de simbiose normal, na qual o bebê se comporta e funciona como se ele e a mãe fossem um sistema onipotente – uma unidade dual dentro de uma fronteira comum.

O autismo e a simbiose normais são pré-requisitos para o estabelecimento do processo normal de separação-individuação.

3. Fase de separação-individuação: começaria em torno dos quatro a cinco meses de idade, no apogeu da simbiose e superpondo-se a esta, até os dois anos e meio. Tem-se identificado quatro subfases do processo de separação e individuação; ainda que se superponham, cada uma tem suas características próprias.

a) Diferenciação: é durante essa primeira subfase da separação-individuação que todos os bebês normais dão seus primeiros passos vacilantes em direção à libertação, num sentido corporal de sua condição completamente passiva de bebê de colo – a etapa da unidade dual com a mãe.

Nessa subfase percebem-se experiências situacionais de gratificação (boas) e de frustração (más), com o começo da capacidade de confiar na espera da satisfação, ou seja, de tolerar a frustração.

b) Treinamento: esse período se superpõe à subfase de diferenciação. Mahler destaca três desenvolvimentos, discrimináveis apesar de interrelacionados, que contribuem para os primeiros passos da criança em direção à consciência do desligamento (separação) e à individuação: a rápida diferenciação corporal da mãe, o estabelecimento de um elo específico com ela e o crescimento/funcionamento dos aparatos autônomos do ego em grande proximidade com a mãe.

Os primeiros passos independentes da criança em posição vertical marcam o início do período de treinamento por excelência, quando seu mundo e a prova da realidade experimentam um aumento substancial.

c) Reaproximação: nessa etapa final do processo de “desabrochamento”, a criança pequena alcança o primeiro nível de identidade – o de ser uma entidade individual separada. A relativa despreocupação em relação à presença da mãe que existia na subfase anterior é substituída por uma

preocupação constante com o local em que a mãe se encontra assim como pelo comportamento de aproximação ativa.

A qualidade e a medida do comportamento insistente e suplicante da criança em relação à mãe (ou quem faz a função materna) durante essa fase fornecem importantes pistas para o entendimento da normalidade do processo de individuação.

Em crianças com um desenvolvimento menor que o ideal, o conflito de ambivalência é detectável durante a subfase de reaproximação através do comportamento de apego e de negativismo que se alternam com rapidez.

De acordo com Basili (1992), as experiências de abandono e agressão que atuam sobretudo na subfase 3, gerariam os quadros limítrofes.

d) Consolidação da individuação e início da constância de objeto emocional: a última subfase tem uma dupla tarefa a cumprir: atingir uma individualidade definida e, em certos aspectos, para toda a vida; e obter um certo grau de constância objetal. Ela ocorre, aproximadamente, no terceiro ano de vida, é um período de desenvolvimento intrapsíquico de extrema importância pois nele se alcança um sentido estável de entidade (fronteiras do *self*) e a consolidação primitiva da identidade de gênero parece acontecer nessa etapa.

É bom ressaltar que muitos processos complexos, envolvendo ou não conflitos, podem continuar ocorrendo na criança durante esse período, transformando a constância de objeto uma aquisição algo fluida e reversível.

De acordo com Mahler, Pine & Bergman (1993), a constância objetal implica algo mais que a manutenção da representação de objeto ausente, já que implica também a unificação dos objetos bom e mau em uma única representação total. Isso promove a fusão das pulsões libidinais e agressivas e modera o ódio em relação ao objeto quando a agressão é intensa.

Autores como Paulina Kernberg (Weinstein, 2003, citada em Velásquez, 2004), seguindo os postulados de Mahler, pensam que os pacientes fronteiriços não somente se fixaram na etapa de reaproximação, mas também teriam se detido nas etapas de diferenciação e treinamento.

Sintetizando, as ansiedades de separação geradas em cada uma das fases da individuação-separação em todo o curso da vida frente a situações

de perda de objeto ou abandono podem estar a serviço de Eros e promover o desenvolvimento do eu se este puder elaborá-las. Porém, se o eu é débil e se o montante de ansiedade é grande, estas o invadem massivamente e o desorganizam, produzindo ainda mais defeitos, trabalhando a favor de Thanatos. Em suma, é isso que sucede aos limítrofes frente às perdas importantes de objeto.

Outro dado que merece ser levado em consideração é que um velho sentimento de identidade própria e limites corporais, parcialmente sem resolução ou antigos conflitos em relação à separação, podem ser reativados ou mesmo permanecer ativos na periferia ou de modo central em qualquer estágio da vida ou até mesmo em todos eles.

Ilustração clínica

*Quando me chamou, eu vim
Quando dei por mim, tava aqui
Quando lhe achei, me perdi
Quando vi você, me apaixonei...*
(Chico César, 1994)

Pedro começou a ter um relacionamento adesivo com suas duas namoradas. Antes desse período, ele mantinha uma paixão por uma garota que era sua prima de terceiro grau e morava em outro estado.

Aproximadamente, perto do fim de um determinado ano, Pedro comenta que uma colega sua queria apresentá-lo a uma amiga, pois acreditava que eles se pareciam e tinham tudo para o relacionamento dar certo.

Quando retorno de minhas férias de fim de ano, ele me conta que começou a namorar Maria no fim de dezembro. Aparece bastante entusiasmado com o namoro. Em uma determinada sessão vem acompanhado de Maria e apresenta-me a ela. Ele entra na sala de atendimento e ela o aguarda na sala de espera.

Em março, do ano seguinte, começa a surgir a primeira discussão entre o casal com cena de violência. Pedro, Maria e uma parenta dele estão

conversando na cozinha. Segundo ele, o motivo da briga foi porque Maria concordou com algo que a prima de Pedro disse e ele não tinha o mesmo ponto de vista. Esse fato foi suficiente para ele atirar um copo no rosto da namorada.

Pedro era gentil, terno, cavalheiro... No entanto, o verniz da gentileza cedia quando as coisas não transcorriam de acordo com seus planos. Diante destas situações, ele era obrigado a se deparar com a independência de desejos de Maria e reagia com falta de docilidade.

Eles ficaram juntos durante um ano e três meses, e no período de um ano houve inúmeras cenas de violência quando Maria discordava de algum ponto de vista de Pedro. Ela até deu queixa de Pedro na delegacia.

Pedro, nesse período, começou a chegar atrasado nas sessões e em outros lugares. Ao relatar algumas cenas de violência com Maria, dizia que não conseguia se controlar e jogava nela o primeiro objeto que encontrava à sua frente quando não partia para as agressões físicas.

As cenas de violência também começaram a se manifestar com seus familiares e ele passou a não querer que aqueles tivessem qualquer contato com Maria, chegando ao ponto de alguns familiares pedirem para a tia que o cuidava como filho interná-lo. Entretanto, ela resistiu às pressões de sua família.

Diversas vezes recebi telefonemas de sua tia (mãe adotiva) em situação de desespero, pois, segundo ela, eu era a única pessoa que ele conseguia “escutar”. Muitas vezes não conseguia me escutar nas sessões. Sentia que minha presença, a minha expressividade emocional posta na fala, por meio da tonalidade da voz, era mais importante do que minhas palavras, ou seja, o que prevalecia era a forma, a melodia, compartilhar o sentimento de estar perto. Muitas vezes, não entendia o que eu dizia. Então, eu arranjava outra forma de expressar o que queria falar. Notava claramente sua dificuldade de simbolização.

Aos poucos, lenta e gradativamente, ele começou a perceber o seu estado emocional e chegava dizendo: “Eu não estou bem”. A partir desses momentos, comecei a tocá-lo com minhas palavras.

Destacarei dois episódios relatados por ele que me tocaram profundamente.

Primeiro episódio

Após terem discutido diversas vezes, Pedro e Maria resolvem ir a um culto religioso. Relata que, quase saindo de casa, pede para ela esperá-lo dizendo que precisava pegar algo. Vai até a cozinha, pega cinco facas e coloca na mochila. Sai com ela para o culto. Sua intenção era, em determinado momento da pregação do pastor, matá-la e depois se suicidar. Porém, consegue desistir da ideia. Quando a deixa em casa, voltam a discutir, então, ele pega a “identidade” dela e somente a devolve no dia seguinte. Chamo sua atenção para esse fato e indago: O que significa uma identidade? De início diz que é um documento (se detém na questão concreta). Estimulo-o a pensar um pouco sobre o assunto e pergunto o que seria alguém ter uma identidade... Responde depois de algum tempo: “Uma pessoa não é nada sem a identidade”. Tento conversar com ele sobre a dificuldade dele em aceitar que ela tenha uma identidade...

Observação: muitas vezes, ele precisava concretamente pegar algo dela...

Nesse período, começava a chegar às sessões em intenso desespero. Muitas vezes ficava com o olhar perdido, sem brilho algum e extremamente abatido. Comecei, com muito cuidado, a dizer o quanto se sentia desamparado, como era difícil se separar da namorada, se separar de mim no fim das sessões...

Pedro combatia a angústia de separação fazendo uma escolha narcísica de objeto. Dá a entender que o objeto não foi contingente. Também se protegia de angústias de fragmentação ou de perda dos limites que produzem a separação. Em outras palavras, o intolerável é a alteridade.

Pedro começou a se relacionar com outra pessoa. Ele “começa a repensar” (*sic*) o relacionamento, pois está apresentando poucas diferenças em relação ao modelo anterior.

O segundo episódio que me causou impacto refere-se ao segundo relacionamento amoroso do analisando. Ele conta que, em uma discussão, Antônia ameaça ir embora, ele passa a ponta de uma faca por todo o corpo dela. Ela olha para ele e diz: “Me mate logo, Pedro. Eu não tenho nada a perder!”. Ao relatar esse fato, diz emocionado: “Ela me cortou o coração, Vanda”.

Nessa época, Pedro resolveu fazer um curso em outro estado e necessitou interromper a experiência analítica que vinha realizando comigo. Sugeri que continuasse o processo analítico com outra pessoa, e pedi para ele procurar um colega que residia numa cidade próxima à que ele ia morar, já que não tinha nenhum psicanalista morando na cidade que ele faria o curso. Eu sabia que ele estava vivendo uma fase delicada no tratamento e não era aconselhável que ele ficasse sem suporte psicanalítico. Todavia, ele não chegou a procurar meu colega.

Após, aproximadamente, quase dois anos, ele volta para Aracaju e me procura com o desejo de dar continuidade à experiência analítica. Comenta: “Casei com Joana após um mês de namoro. Ela foi viver comigo em X (cidade que ele estava fazendo um curso). Ela não estava se adaptando... Ela colocou remédio em meu suco e tiveram que me levar ao hospital”.

Em outra sessão, diz: “Foi Joana quem se interessou por mim. Pela primeira vez, alguém se interessou por mim. Nas outras vezes era eu quem ia atrás delas. Veja, Vanda, ela se interessou por meu aspecto, por minha aparência, não me conhecia, nem eu a conhecia bem. Não somos amigos. Para casar-se, precisamos ser amigos. Agora percebo que foi algo precipitado e estou pagando pelas consequências! Me dou conta que não tenho nenhum amigo. Não tenho nenhuma relação de amizade. Estou construindo minha identidade!”

Ultimamente, Pedro está fazendo uma espécie de retrospectiva de sua vida. Em uma determinada sessão, refletindo sobre seu antigo relacionamento com Antônia, comenta: “Antônia e eu dormíamos bem juntinhos. Se ela necessitasse ir ao banheiro, tinha que me acordar para que eu fosse com ela (e vice-versa)”.

Em resumo, eles tinham que fazer as refeições juntos, dormir no mesmo horário etc. Ela ficava trancada no apartamento em que moravam e enviava mensagens pelo celular dizendo qual atividade estava realizando quando ele necessitava se ausentar de casa. No momento, com pequenas intervenções que venho realizando, ele está começando a perceber com estranheza a forma que tem se utilizado para se relacionar diante da vida.

Em uma determinada sessão, ao entrar em meu consultório, diz: “Estava aqui pensando: cheguei atrasado 5 minutos! X sessões em que eu

atrase 5 minutos, perco vários minutos da sessão”. Olha para mim e diz: “A água que é leve, de tanto bater na pedra, faz com que ela se parta”. Continua olhando para mim: “O que eu quero dizer é que a água, mesmo sendo leve, batendo repetidas vezes na pedra, faz com que ela se transforme. Entende?”

Fico emocionada e sua metáfora chama a minha atenção, já que ele, quase sempre, mantém o seu pensamento no concreto. Digo: “Penso que você está falando do que acontece aqui conosco. Algo como a água que é leve, que parece não causar impacto, sendo repetido e vivenciado diversas vezes, tem o poder de se transformar como a pedra que é dura”.

Pedro sorri e diz: “Estou tentando me adaptar à minha nova vida ... Uma pessoa irritada, com raiva, não tem espaço para pensar”.

Digo: “Agora você já está se notando, se percebendo e está surgindo um espaço para pensar”.

Pedro menciona o turbilhão de situações que tem vivido e diz: “Mesmo que se passe muito tempo, nunca vou esquecer esta experiência”.

Começo a observar mudanças na minha forma de perceber Pedro. Tenho a sensação de estar ocorrendo um registro das experiências e o vínculo analítico está fornecendo os primeiros passos (como prelúdio), a anúnciação de um espaço interno, para o desenvolvimento do pensamento.

Considerações finais

Concordo com as palavras de H. Shmuel Erlich quando diz:

Trabalhar na fronteira restabelece nosso foco nas dinâmicas da destruição e da sobrevivência que são implícitas e poderosamente operantes nesta posição. A fronteira fornece os contornos e a estrutura para emergir do vazio, e nos permite dar voz e forma ao indizível, ao incomum e ao desconhecido. Oferecer nós mesmos para sermos usados como analistas desta maneira pode ser mesmo perigoso, mas também é um ato de generosidade com aqueles que precisam nos usar desta forma. (2003, p. 205)

Nos estados-limite e nas organizações narcisistas solicita-se ao analista algo mais que sua disponibilidade afetiva e sua escuta. Solicita-se também sua potencialidade simbolizante. Potencialidade que não só aponta recuperar o existente como também a produzir o que nunca esteve. Não se trata somente de conflito, mas também de *déficit* (carências). Por essa razão a contratransferência se faz forte.

Hornstein (2010) afirma que os quadros fronteiros expressam de maneira muito rica quais são as vicissitudes do narcisismo patológico ajudando a compreendê-las e dentro do transtorno narcisista deve-se prestar especial atenção ao que para muitos autores é o calcanhar de Aquiles desses pacientes: a perturbação do sentimento de identidade. Ou seja, os transtornos com essas características dizem respeito a patologias narcisistas. Se pode pensar em como foi investido o eu desses pacientes, no que diz respeito à relação eu-objeto ou eu-mundo externo; refere-se às bordas, porosas e muito permeáveis, do eu. Em uma palavra, se aborda o território dominado pelo narcisismo e suas alterações.

Em relação à situação analítica e ao papel do analista, Grinberg & Grinberg consideram

como um cadinho “continente” que integra os “pedaços de identidade” do paciente, ao longo de um processo que se desenvolve no tempo, permitindo integrar imagens do self de momentos distintos funcionando com vínculos objetivos diferentes projetados na relação transferencial. (1976, p. 25)

Pedro é um ser humano buscando meios para sobreviver psiquicamente com os recursos que dispõe. Provavelmente, não conseguiu constituir sua subjetividade devido à falta de possibilidade para experimentar o *holding* adequado para a sua constituição. Ou seja, pode-se dizer que houve falha na preocupação materna primária. Ele não teve uma experiência intersubjetiva satisfatória com o ambiente, o que fez que não desenvolvesse a capacidade para estar só e, conseqüentemente, não conseguiu tornar-se um sujeito independente da participação da subjetividade do outro. Advém daí sua necessidade da presença, numa relação anaclítica, de alguém que lhe proporcione (a analista) condições de acesso à sua subjetividade.

Separarse e individuarse: procesos fundadores de la identidad

Resumen: Este trabajo pretende destacar la estrecha relación entre los procesos de separación e individuación y su influencia en el sentimiento de identidad. Serán abordadas, de forma sucinta, las fases que constituyen el proceso de separación e individuación desde el punto de vista de Mahler. Por último, se presentará una ilustración clínica con el objetivo de mostrar como el analizado combatía la angustia de separación en un determinado período de la experiencia analítica.

Palabras clave: separación, individuación, angustia de separación, identidad, fronterizo.

Separate and individualize: founding processes of identity

Abstract: This work intends to emphasize the tight relationship that exists between the processes of separation and individuation, and their influence on the feeling of identity. The work approaches, in a succinct way, the phases that constitute the process of separation and individuation, according to Mahler's point of view. At the end, it is presented a clinical illustration, designed to show how the patient that is being analyzed fights the anguish of separation, during a certain period of the analytical experience.

Keywords: separation, individuation, anguish of separation, identity, borderline

Referências

- Basili, R. (1992). Psicopatología mahleriana de los cuadros limítrofes y desamparo, trauma psíquico y defecto yoico. In R. Basili, *Pacientes limítrofes: diagnóstico y tratamiento* (pp. 35-46). Buenos Aires: Lugar.
- César, C. (1994). À primeira vista. Álbum Aos Vivos. Gravadora Velas.
- Erllich, H. S. (2003). *Trabalhando na fronteira e o uso do analista: reflexões sobre a sobrevivência analítica*, 37(1), 191-206.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1976). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi.
- Horsnstein, L. (2010). *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*. Buenos Aires: Paidós.
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (1993). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quinodoz, J.-M. (1993). *A solidão domesticada: a angústia de separação em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Velásquez, C. (2004). Sistematización de indicadores de organización fronteriza de la personalidad, a través de un análisis estructural, mediante el test de Rorschach, en una muestra de pacientes diagnosticados como trastorno de la personalidad. Memorial para obter título de psicólogo. Universidad de Chile, Chile, 2004. Disponível em: http://www.tesis.uchile.cl/tesis/uchile/2004/molina_c/sources/molina_c.pdf. Acesso em 8 de maio 2016.

Vanda Maria de Carvalho Pimenta
vandampimenta@bol.com.br

